



IACÁ:

Artes da Cena

ISSN 2595-2781

EDITORIAL

Dança Afro\Danças Negras\Danças de Matrizes Africanas:

Diálogos Possíveis

EDITORIAL

Dança Afro\Danças Negras\Danças de Matrizes Africanas: Diálogos Possíveis

A Revista IAÇÁ – Artes da Cena apresenta o volume 8, número 2 (2025), reafirmando seu compromisso com a produção e a circulação de conhecimentos críticos nas áreas da dança, do teatro e das artes do corpo. Esta edição se organiza em torno do dossiê “Dança Afro / Danças Negras / Danças de Matrizes Africanas: Diálogos Possíveis”, reunindo pesquisas que abordam as danças afro-diaspóricas como campos de memória, resistência, criação estética e produção epistemológica, em diálogo com as urgências políticas e culturais do presente.

O dossiê propõe um deslocamento dos olhares historicamente marcados pela folclorização e pela marginalização dessas danças, reconhecendo-as como práticas artísticas complexas, atravessadas por ancestralidade, oralidade, musicalidade e experiência diaspórica. As contribuições aqui reunidas pensam o corpo negro como arquivo vivo, território de disputa simbólica e espaço de reinscrição de saberes ancestrais no tempo contemporâneo.

Abrindo o dossiê, o artigo “A dança é uma voz preta – o marabaixo como epistemologia e poética de resistência”, de João Pereira Loureiro Junior e Tahís Cardoso da Silva, analisam o marabaixo a partir da dança como elemento central de uma epistemologia de resistência. Os autores compreendem a dança como narrativa e como voz preta, capaz de confrontar discursos hegemônicos e reposicionar o marabaixo enquanto manifestação estética, política e epistêmica fundamental da cultura amapaense.

Em “12 princípios bakongo para melhor compreender a capoeira angola”, Cristina Fernandes Rosa apresenta uma leitura contracolonial da Capoeira Angola a partir da cosmologia Bakongo e do cosmograma Dikenga dia Kongo, conforme os estudos de Bunseki Fu-Kiau. O artigo propõe doze princípios analíticos — organizados como “movimentos cognitivos” — que ampliam a compreensão da corporeidade, da mobilidade e da relacionalidade presentes na roda, evidenciando a permanência de saberes bantu-diaspóricos nas artes do corpo.

O texto “Dança afro-brasileira: corpo, memória e resistência no palco da política”, de Paola Verdun e Lúcia Regina Lucas da Rosa, investiga a dança afro-brasileira como estratégia histórica de sobrevivência e resistência do povo negro no Brasil. A partir de referenciais da filosofia, da arte e da cultura negra, as autoras analisam a institucionalização do Dia Nacional da Dança Afro-Brasileira, articulando corpo, memória e política como dimensões indissociáveis dessa prática artística.

A edição também conta com artigos em Fluxo Contínuo, que ampliam o diálogo com outros campos das artes da cena. Em “Entendendo com o corpo de atriz/dançarina as práticas do Shivan Yoga: relatos de uma experiência”, Alexsandra Lara Reis Guimarães e Adilson Roberto Siqueira apresentam reflexões oriundas de uma pesquisa prática sobre o treinamento psicofísico do Shivan Yoga. O texto discute suas contribuições para a preparação corporal e vocal de atores e dançarinos, bem como suas reverberações nos processos de criação teatral.

Já em “A poética da autodireção em cena”, Rivka Faria Pereira da Silva investiga a autodireção como princípio estruturante da arte da representação. Fundamentado em importantes referências do teatro contemporâneo, o artigo compreende a autodireção como instância integradora entre subjetividade, corporeidade e dramaturgia, destacando seu papel na construção da presença cênica e da autonomia criativa do ator.

Na seção Relatos de Experiência, o texto “Maratona de Leitura: viagens e memórias através dos livros em uma escola pública de Laranjal do Jari-AP”, de Maria Antônia de Assunção Kobayashi, apresenta uma experiência pedagógica atravessada pelas epistemologias afroreferenciadas discutidas no evento ARTEAFRO: Seminário de Epistemologias Afrorreferenciadas nas Artes da Cena. O relato evidencia o impacto desses saberes na prática educativa, ressaltando a leitura como ferramenta de memória, deslocamento simbólico e formação crítica.

Este volume reflete o esforço coletivo de pesquisadoras(es), artistas e educadoras(es) comprometidos com a valorização das culturas afro-diaspóricas e com a construção de perspectivas críticas nas artes da cena.

Ao apresentar esta edição, a Revista IAÇÁ – Artes da Cena convida leitoras e leitores a se deixarem atravessar por danças, corpos e pensamentos que não apenas ocupam a cena, mas a transformam — reinscrevendo memórias, produzindo sentidos e abrindo caminhos para futuros possíveis.